

Suplemento Cultural

‘O REFÉM DO ABANDONO’

Interessante romance primogênito de Fábio do Vale

REGINALDO ALVES DE ARAÚJO –
Presidente da Academia Sul-Mato-
Grossense de Letras

O jovem professor Fábio Pereira do Vale Machado, graduado em letras, – e agora se manifestando como escritor e poeta – assoma para a história da literatura sul-mato-grossense com este comovente “O REFÉM DO ABANDONO”, acendrado romance fruto de uma erupção criadora, que fascina ao toque dos olhos, e que, dotado de um refinado veio lírico, plasma-se por si mesmo, no bojo de sua trama de uma inevitável realidade trágica.

Quem desperta para a arte de escrever é chamado a realizar algo novo, palpitante e repleto de criatividade, tendo o cuidado de enlevar-se na fascinante liberação profética, antevendo, adrede, a luminosa e dadivosa ressonância no colo do leitor, colocando-se na magistral altura da autossatisfação da obra realizada. Obra esta que chegou, revelou-se e promete se impor, indestrutível e imortal.

Foi isto que fez e representa aos olhos do leitor o fabuloso debutante da literatura de Mato Grosso do Sul, Fábio Pereira do Vale Machado, filho da bela cidade de Campo Grande (MS) onde,



A singleza da capa acalenta a originalidade literária de uma obra que seduz o leitor

com maestria, nos lances fictícios imaginados, dotado de profundo conhecimento linguístico, manejando bem o tesouro das palavras, revela-se um escritor de sensibilidade e extraordinário manejador de ideias, ofertando, num deslumbramento, ao povo brasi-

leiro este “O REFÉM DO ABANDONO” – romance digno de ser lido numa assentada só, pelos seus detalhes impressionantes, de lances imorredouros, vividos pelo protagonista do enredo, no enfrentamento de situações vexatórias, obtendo, em todas, retumbantes vitórias. O sofrido Emílio, personagem principal da trama, inteligentemente criado pelo autor, é um jovem lutador incansável, que não desperdiçou e aproveitou as ocasiões que a vida lhe ofereceu, agitando-se nos embates mais cruentes, exercitando uma firmeza de caráter irretocável.

Tanto em Juiz de Fora, Mina Gerais, como no Rio de Janeiro ou Madri, capital da Espanha, Emílio, –

embora aparentemente não se preocupando com essa filosofia – é como se estivesse colocando em prática a grande frase de Abraão Lincoln, que diz: “Não estou obrigado a alcançar tudo o que intento, mas unicamente a ser um homem completo. Estou obrigado a ser fiel, verídico e

“

Quem desperta para a arte de escrever é chamado a realizar algo novo, palpitante e repleto de criatividade, tendo o cuidado de enlevar-se na fascinante liberação profética, antevendo, adrede, a luminosa e dadivosa ressonância no colo do leitor(...)”

probo, o melhor que possa e saiba. Tudo o que me apartasse disto seria uma cobardia desprezível.”

Os leitores, num mergulho frenético nas cenas deste livro, terão a ventura e a oportunidade de comprovar o talento de Fábio do Vale, como escritor, poeta e romancista de futuro promissor, uma revelação nas hostes literárias do centro-oeste do Brasil.

A Volta de S...

ZORRILLO DE ALMEIDA
SOBRINHO

Eu lamento a sua sorte, S... Apesar de haver prometido a mim próprio que não falaria mais sobre você, aqui estou quebrando a minha promessa, porque as suas lágrimas penetram o meu coração. Tinha-me determinado dagora por diante seguir uma política de indiferença a seu respeito. Você notou que eu pusera em prática a referida intenção. Pretendo permanecer assim, pelo menos exteriormente, embora continue o seu melhor amigo e aquele que mais se compadece do seu so-

frimento.

Ontem e anteontem você teve a ventura de passar horas agradáveis com o marido, cujo amor vai se extinguindo pouco a pouco. Julgo que o “animal” o levou a passar dois dias em relativa paz com você, sem um maltrato, sem uma grosseria no modo de falar. Ele é muito infantil. Hoje, dia de pagamento para ele, e, portanto, com dinheiro no bolso, à semelhança das crianças, quis ir gastá-lo fora, nas guloseimas dos meninos grandes – mulheres de vida fácil e, para você, palavras ofensivas. Proibiu você de visitar seus pais, tudo apenas com o segredo pensa-

mento de beber à larga e espojar-se na satisfação do sexo.

Diz você que terminaria por deixá-lo. Não acredito nisso. Cale o coração e deixe que o dever fale mais alto. De minha boca você ouvirá palavras de consolo e de fortalecimento, e eu lhe digo que você deve permanecer na companhia dele.

Parece-me, entretanto, que o seu destino não é pior do que o meu.

Final de contas você realizou o seu amor. Casou. Foi possuída, satisfazendo desse modo os anseios da natureza, enquanto eu a amei alucinadamente, e em paga recebi apenas uma grande indiferença e um quase ódio.

O meu único consolo é VÊ-LA (a amada) como um belo cisne branco, fêmea que me aparece todos os

dias, todas as horas, em evocações frequentes desse passado em que, pelo menos, a contemplava na realidade, apesar de lhe ver sempre, marcado no rosto, um grande rancor pelo pobre servo que a adorava e a adora ainda.

Hoje tenho caminhado de surpresa em surpresa. A emoção se apodera de mim, de quando em quando, sem que eu possa me livrar dela.

Primeiro de tudo, foi a liberação da capital de nossa “pátria Cultura”, a França – Paris foi libertada. Depois, a minha inesquecível e querida valsa que me prova, sobejamente, que eu ainda a amo demasiadamente, e que, apesar de todas as atrações extras, a lembrança de SUA VOZ, a visão da SUA IMAGEM, não desaparecem de mim.

FAZENDA ESTRELA: UM SONHO QUE NUNCA ACABA

AMÉRICO CALHEIROS

O ranger das rodas do carro-deboi, monocórdio e preguiçoso, transportava minha expectativa de criança em férias àquele ímpar paraíso natural. Os dezoito quilômetros que separavam Nioaque da Fazenda Estrela valiam uma eternidade. No caminho, seriamas esguias e pesadonas emas, em corrida pelo capinzal, acompanhavam o desempenho do velho carro e o movimento curioso dos meus olhos-menino. Quando a estrela aparecia na sua humilde exuberância, deitada aos pés da Serra de Maracaju, escondida nas furnas, ela brilhava serena e o meu coração saía pela boca. O verde totalmente verde que circundava a fazenda era feito de aroeiras, cerejeiras e bálsamos, pura lei natural, e mais centenas de coqueiros típicos daquela área onde, em destacada majestade, saltavam à visão e aos sentidos os excessivos buritis.

O tempo na Estrela era feito de puro prazer. O alvoroço das galinhas-d’angola, das galinhas caipiras, das garnisés, dos perus

e patos mesclava-se à ensurdecadora revoada dos papagaios, periquitos, ardentes gritos das araras-azuis e outras multicoloridas. Tudo depois se calava ante a sinfonia magistral dos tantos pássaros da região. Assim era o despertar na Estrela. Nos currais, o leite jorrava das tetas fartas das vacas passivas, enquanto touros ferozes disputavam a supremacia do pedaço em quase-brigas. O ritual incluía logo a seguir: devorar literalmente um quebra-torto que, como repasto que misturava todas as sobras de comida do dia anterior, mais parecia um almoço da cidade. Isso tudo à beira do fogo de lenha adquiria maior sabor. A “fartança” estava presente nos paióis que explodiam com tanta produção caseira: banha de porco, queijo, requeijão, doce de leite, rapadura para todos os gostos, arroz, feijão, linguiça, carne-de-sol e outros gêneros que asseguravam a subsistência naquele rincão. Toda circunvizinhança sabia que a Fazenda Estrela era uma das únicas que se sustentava com a própria produção. Era um oásis in-

dependente em fertilidade e abundância naquelas plagas. Em seu pomar, laranjas de todas as qualidades, bananas maduras nos pés, mamão, melão, fruta de jambo, e melancias imensas, que brincavam de esconde-esconde embaixo das ramas, disputavam espaço com abóboras e morangas, quase invadindo os canaviais que geravam produtiva cana-de-açúcar.

Durante o dia, andar a cavalo e descobrir os mistérios do matagal era o melhor programa. O banho no córrego buritizal, quase um rio, ladeado de tantos buritis e aonde antas, capivaras, quatis, tatus e vedos vinham saciar sua sede, servia também de morada para uma sucuri gulosa que gostava de engolir bezerro novo e ficar se saciando por longo tempo com o bicho na barriga.

Nas noites cheias de segredo, tendo como testemunhas apenas os grilos, a lua e as estrelas, os donos daquele imenso reduto de paz, Seu João Leão e D. Paulina, que souberam com retidão e singleza educar seus doze filhos, descansavam da lida diária e abriam es-

paço para as estórias fantásticas: algumas de assombração e outras de onças-pintadas que atemorizavam, volta e meia, aquelas paragens, devorando o gado e sumindo no nada.

As músicas da moda que pairavam no infinito daquelas furnas, fazendo o coração da Estrela pensar no amor e em seus desatinos, eram as da dupla sertaneja Délio e Delinha, freguesa daqueles recantos todos por onde passava, a convite dos fazendeiros, cantando e reinventando, na viola, as estórias da vida.

Nas réstias das memórias de minha infância, onde o caldo de tantos sonhos permanece intacto, um em especial sempre entra em ebulição, trazendo recordações: o das idas à Fazenda Estrela.

Hoje nem sei mais dela e do que o progresso aprontou com sua beleza; porém, no mágico mundo das lembranças em que tudo tem grandeza imensurável, a Fazenda Estrela ainda brilha na minha mente como um sonho bem maior que a realidade. Nos meus sentidos, ela brilhará para sempre.

POESIA

NÔMADE

Trago em mim
A expressão vaga
Dos andarilhos que vêm de longe...
No meu sangue há calor ardente
Dos desertos sem fim.
Nos meus olhos vive o mistério
De todas as lendas árabes,
No meu coração
Está acesa a luz da indiferença.

Trago comigo
Do oásis da Esperança
A saudade imensa
Da mulher que amei.
Dardejado pelo simum da miséria,
Com o rosto coberto de pó
E os pés sangrando,
Canto a canção cruel do desconforto.

Tudo ficou para trás...
A aldeia nativa da Alegria
Focou perdida no Saara
E nela está a bailarina ideal
Dos meus amores.
À noite,
Sob os dois desertos
– O do céu azul cheio de estrelas,
– O da terra branca cheia de sonhos,
Eu era o tuaregue mais feliz do mundo.

Entretanto,
Uma vez,
Parti em busca de aventuras.
Treda ilusão...
Agora não mais posso voltar,
Porque
O oásis da Esperança não tem caminho
E o vento do deserto
Cobriu com areia
O meu rasto incerto de nômade.

HUGO PEREIRA DO VALE

EDITAL DE CONVOCAÇÃO – ASL

O Presidente da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, no uso de suas atribuições e em cumprimento ao inciso I do parágrafo único do art. 23 do Estatuto da ASL, convoca todos acadêmicos do Sodalício para assembleia geral a realizar-se na sede da Academia (Rua 14 de Julho nº 4715), no dia 07/10/2017, às 9h30min. A assembleia, que deliberará sobre as eleições para a composição da Diretoria (mandato de 31/10/2017 a 30/10/2020), realizar-se-á nos seguintes termos: a) em primeira convocação, no dia e horário estabelecidos por este edital, com a presença de, no mínimo, cinquenta por cento dos associados mais um; ou b) em segunda convocação, com um quarto deles, após 30 (trinta) minutos do horário previsto para a primeira convocação.

Campo Grande, 23 de setembro de 2017 – Reginaldo Alves de Araújo (Presidente).

NOTÍCIAS DA ACADEMIA

RAQUEL NAVEIRA LANÇA HOJE LIVRO AUTORAL DE CRÔNICAS – A acadêmica, escritora poeta/cronista, Raquel Naveira, sentir-se-á honrada e feliz com sua presença no lançamento de seu novo livro de crônicas “**O Avião Invisível**”, hoje (sábado, 30/09), na Pousada Dom Aquino – Rua Dom Aquino, 1806, Campo Grande/MS, das 19h às 22h. Seja bem-vindo.